

Memória, história, cultura e identidade: um levantamento histórico da cidade de Tracunhaém, PE

Memory, history, culture and identity: a historical survey of the city of Tracunhaém, PE

Camila Brito de Vasconcelos
Ruy Raphael Batista da Silva

Resumo: Este artigo compila o levantamento histórico realizado para o projeto de SILVA (2021) a fim de apresentá-lo como referência para futuros projetos de valorização cultural e da memória urbana da cidade de Tracunhaém em Pernambuco, Brasil. Bem como para demais desdobramentos possíveis, como complementação deste levantamento com novos registros e validação histórica de projetos já realizados. Apreciando essas questões, o artigo apresenta este levantamento histórico utilizando a seguinte estruturação dos conteúdos: a cidade; o artesanato; principais atores; manifestações culturais. Sendo de natureza teórica, utiliza como procedimentos técnicos o levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e técnica de pesquisa de observação participante.

Palavras-chave: memória; história; cultura; identidade; Tracunhaém.

Abstract: This article compiles the historical survey carried out for the SILVA project (2021) in order to present it as a reference for future projects of cultural enhancement and urban memory in the city of Tracunhaém in Pernambuco, Brazil. As well as for other possible developments, as a complement to this survey with new records and historical validation of projects already carried out. Appreciating these issues, the article presents this historical survey using the following structure of contents: the city; the crafts; main actors; cultural manifestations. Being of theoretical nature, it uses as technical procedures the bibliographic survey, field research and participant observation research technique.

Keywords: memory; history; culture; identity; Tracunhaem.

Introdução

Considerando a importância dos registros históricos com ênfase nas práticas sociais, manifestações culturais e identidade de um povo, como referências para projetos de design com foco na memória gráfica e na paisagem urbana, este artigo apresenta um levantamento histórico do município de Tracunhaém em Pernambuco, Brasil. O objetivo inicial deste levantamento foi reunir referências e subsídios para projeto de identidade visual e iconografia do município¹.

Contudo, em meio à busca de referências já existentes sobre a cidade, percebeu-se a escassez de registros sobre a mesma, bem como sobre suas manifestações culturais e práticas de seus habitantes. Assim, entendeu-se que um levantamento histórico seria, seria, não só necessário para o projeto que estava sendo desenvolvido, mas principalmente relevante para servir a outros estudos e projetos que busquem tais referências.

Este artigo compila apenas o levantamento histórico realizado para o projeto a fim de apresentá-lo como referência para futuros projetos de valorização cultural e da memória urbana desta cidade. Bem como para demais desdobramentos possíveis, como complementação deste levantamento com novos registros e validação histórica de projetos já realizados. Apreciando essas questões, o artigo apresenta este levantamento histórico utilizando a seguinte estruturação dos conteúdos: a cidade; o artesanato; principais atores; manifestações culturais.

Quanto à classificação da pesquisa, o levantamento apresentado neste artigo caracteriza-se como sendo de natureza teórica. A forma de abordagem utilizada na pesquisa é qualitativa, em que aborda o estudo dos aspectos subjetivos de fenômenos sociais. Quanto ao objetivo, a pesquisa é definida como descritiva, no levantamento de referências e estabelecimento de conexões entre elas, porque estuda os atributos de uma cidade para enxergar seus significados e valores.

Segundo Lakatos e Marconi (2010) o método pode ser definido como um grupo de tarefas sistemáticas adequadamente dispostas de forma segura, que permitem estabelecer instruções a serem seguidas, identificando possíveis falhas e contribuindo nas decisões do pesquisador na procura por conhecimentos significativos.

Quanto aos processos metodológicos, foram utilizados como métodos de procedimento o método indutivo, em razão da compreensão dos fenômenos atuais partindo de uma premissa menor para uma premissa geral. No que diz respeito à delimitação são abordados os temas centrais da pesquisa: a cidade, o artesanato, principais atores e manifestações culturais. Enquanto, a cidade de Tracunhaém-PE foi empregada como delimitação espacial, no período temporal 08/06/2021 a 05/07/2021, com delimitação populacional os artesãos e moradores da cidade.

Em relação aos procedimentos técnicos foi necessário o uso de levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e técnica de pesquisa de observação participante, onde o pesquisador faz-se parte integrante do meio através de um vínculo pessoal no qual torna-se possível uma coleta de evidências e percepções observadas pela sua visão, inserido no contexto.

¹ Projeto desenvolvido em 2021 como trabalho de conclusão do curso de design da UFPE-CA-NDC ([...])

A amostragem foi definida com base na população atual do universo da pesquisa e na história das gerações precursoras do artesanato na cidade de Tracunhaém, a qual foi analisada por meio do levantamento bibliográfico, sendo elas a primeira e segunda geração do artesanato figurativo, especificados adiante. Para a coleta de dados foi utilizado como instrumentos registros fotográficos próprios, além dos arquivos de Coimbra (1980) e imagens de acervos digitais devidamente referenciadas.

A cidade

Tracunhaém é uma pequena cidade no interior de Pernambuco, na região da Zona da Mata Norte, aproximadamente a 60 km da capital do estado, com uma população estimada de pouco mais de 13.800 pessoas (IBGE, 2019). É composta pelo distrito sede e pelos povoados Belo Oriente e Açudinho, além de integrar mais de trinta engenhos, sendo Trapuá, Saguim, Juá, Abreus, Bringas, Caraú, Calumbi, Penedo Velho, Cotunguba, Bom Recreio, Gambá, Progresso, entre outros. No caminho para chegar à cidade, pela única pista que dá acesso além das estradas de terra, a BR408, as áreas de matas nativas e os canaviais vão dando forma à paisagem.

Primitiva povoação em 1665, conhecida como Povoação de Tracunhaém, onde já haviam habitantes datados antes mesmo disso, em 1634. Embora oficialmente só venha a ser distrito criado com a denominação de Tracunhaém em 1892, pela lei municipal nº 5 (de Nazaré da Mata), de 30-11-1892. E só desmembrado de Nazaré da Mata definitivamente e elevado à categoria de município em 1963, pela lei estadual nº 4950, de 20-12-1963. Vale ressaltar que a nomenclatura Tracunhaém se dava a vários diferentes pontos, coexistentes ou não, melhor definidos em breve.

Acerca da arquitetura dos marcos da cidade, pode-se considerar como obras europeias perdidas no interior de Pernambuco, obras essas erguidas no período do Brasil Colonial. Bem como a Igreja Matriz de Santo Antônio de Tracunhaém, localizada no centro da cidade com sua fachada datando o ano de 1827, ao lado está um sobrado, provavelmente do mesmo ano de construção.

Bem próximo a este marco, posta quase a frente, está a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, esta igreja é um dos monumentos mais inestimáveis do município, sua fachada consta o ano de 1857, embora segundo Silva (2018, p. 236) esse seja o ano de reforma do seu frontispício, dado que em sua estrutura está datada na cobertura o ano de 1754, data de conclusão oficial da sua construção. Os ornamentos da fachada e do interior com formas simples, particularizando a construção por mãos escravas do século XVIII.

Tracunhaém, conhecida como polo pernambucano da arte do barro, retrata o passado junto ao presente da cidade, seus ateliês, ruas, engenhos e povoados, canaviais, grupos de maracatus e coco de roda. Habitantes que têm como a sua principal fonte de renda o trabalho sazonal na indústria açucareira e o trabalho informal no artesanato.

Apesar de a cidade ser reconhecida por suas múltiplas manifestações culturais e vasto patrimônio artístico, diante da cultura de massificação imposta pela indústria cultural, típica do modelo socioeconômico vigente, a preservação e continuidade da arte popular tem se dado por meio da resistência de um seleto setor artístico em meio ao pouco investimento do setor público e incipiente participação social da população.

A cidade recebe o título de “Capital do Artesanato em Cerâmica”, pela Assembleia Legislativa de Pernambuco no Projeto de Lei Nº 548/2015. Conforme a justificativa no parecer do relator, o município se destaca bastante pela arte popular, tendo em vista que a manufatura local acerca dos artefatos cerâmicos remete a aspectos coloniais e pré-coloniais. Período em que só se fazia uso da cerâmica utilitária, visando a necessidade do povoado.

Desde a década de 1910, o artesanato figurativo em cerâmica toma forma na cidade, saindo apenas das peças utilitárias e seu imemorial surgimento, e passando a trazer expressividade às obras. Entre 1960 e 1980 o artesanato popular da cidade emerge e ganha reconhecimento. Isso dá-se ao fato das identidades únicas de cada artesão em suas obras, imprimindo nelas o reflexo do cotidiano junto ao ilusório.

Tracunhaém, palavra de origem Tupi-guarani quer dizer: “Panela de Formiga” ou simplesmente “Formigueiro”. É uma corruptela de (Tara-cuaém), ou segundo Silva (2018, p. 26) registra, de acordo com Dr. Theodoro Sampaio é uma corruptela de (Tara-quicunhaê). O motivo se dá ao observar a cidade do ponto mais alto, Serra de Trapuá, onde de longe o formato se assemelha a um formigueiro, sendo o meio o aglomerado de formigas.

Habitada inicialmente por indígenas, parte da região é onde se situa hoje a cidade de Tracunhaém. Visto que este nome foi utilizado como denominação de diversos pontos da mesma região, como era bastante comum na época. O Rio Tracunhaém, importante divisor das capitanias hereditárias de Pernambuco; a Povoação de Tracunhaém, com território que se estendia às margens do rio; posteriormente a povoação se tornando a Freguesia de Tracunhaém, tendo sua sede em territórios onde hoje é a atual Cidade de Tracunhaém. Além de Engenho e Estação de Trem. Segundo Silva (2018, p. 25) “Tracunhaém como denominação de Rio e Povoamento, inicialmente foi batizado por Tapirurama, que era nome de uma aldeia de índios fixada na margem no mesmo rio”.

O Rio Tracunhaém foi um dos mais importantes para a história do estado de Pernambuco, sendo este o marco da divisão territorial entre a Capitania de Pernambuco e Capitania de Itamaracá, no começo da colonização do Brasil. Segundo Silva (2018, p. 30), estão citados em cartas de sesmarias pedidos que foram feitos à corte portuguesa solicitando lotes terras, onde eram estabilizados os povoados às margens do rio, por facilidade de agricultura e afins.

Este se mantém até hoje como fonte de renda para algumas famílias que moram às suas margens. O mesmo tem uma extensão de cerca de 120 km. “As águas do Tracunhaém foram importantes para a construção da Mata Norte Pernambucana, tendo em vista os muitos engenhos e usinas que se formaram em suas margens. Além dos povoados que se tornaram cidades, a exemplo de Tracunhaém”. (SILVA, 2018, p. 30).

Apesar da bacia do rio Tracunhaém banhar uma pequena parcela do município de Tracunhaém, nos engenhos Progresso, Pastas, Marôtos, Caricé e Terra Preta, recebe esse nome por conta do povoado e freguesia que levavam o mesmo nome de Tracunhaém, como citado anteriormente.

Uma vez que, de acordo com Silva (2018, p. 33), se levamos em conta a secessão de territórios de 1839, faziam parte de Tracunhaém como Freguesia a margem direita por completa do rio, além de parte da margem esquerda. Assim o rio entraria no território de Tracunhaém como município em bem mais localidades.

Como o tempo, a povoação de Tracunhaém foi tomando crescimento, com espaços vazios sendo ocupados cada vez mais, com a criação de engenhos e até se tornando divisa da Capitania de Pernambuco para a Capitania da Paraíba pelo Rio Tracunhaém, sendo necessário a evolução da povoação para uma freguesia, para assim conseguir prestar assistência tanto aos índios como aos novos moradores da região.

O termo Freguesia significava nesse período colonial a legalização de administração política da povoação, uma vez que o Reino de Portugal por intermédio da igreja católica, controlava as explorações de terras no Brasil. Pode-se considerar como uma simples organização política e religiosa para as povoações do Brasil Colonial, sendo assim, os donos de engenhos e terras da Freguesia de Tracunhaém prestavam contas à Corte Portuguesa, não mais à Freguesia de São Lourenço da Mata, a qual cuidava das terras da povoação de Tracunhaém desde 1654.

A sede da Freguesia de Tracunhaém foi provisoriamente no engenho Pedregulho, na capela de Santa Luzia, só em cerca de 1722, a sede foi transferida definitivamente para a povoação de Tracunhaém, em território onde atualmente faz parte da cidade Tracunhaém.

Um importante personagem na história de Tracunhaém e uma memória a ser preservada foi João Cavalcanti Maurício Wanderley, o Barão de Tracunhaém. Registra-se mais de 200 anos do seu nascimento, nascido no Engenho Goitá na Freguesia de Tracunhaém em 1819. Quando os Povoados de Tracunhaém e Lagoa do Carro ainda pertenciam à comarca de Nazaré, ele foi subdelegado do 1º Distrito da Freguesia de Tracunhaém, Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, entre muitos outros méritos, com uma vida a serviço da região.

Entre os méritos ocupou também todos os cargos da Guarda Nacional, onde se tornou fiel amigo do Imperador D. Pedro II, em que após a proclamação da república e banimento do imperador, João Cavalcanti foi dispensado do comando superior. O mesmo veio a falecer por enfermidades no ano de 1891 no Engenho Cavalcanti.

Um fato pouco conhecido entre os tracunhaenses, e que pode se considerar uma das mais importantes figuras nascidas na cidade, é o Padre João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro. Assim como toda boa cidade tem em sua história ao menos um personagem importante, com Tracunhaém não seria diferente.

O mais glorioso dos filhos de Tracunhaém merece mérito e honraria em vários âmbitos na história pernambucana, político, histórico, religioso, artístico e assim por diante. Tendo em vista seu espírito revolucionário e democrático, além de sua força de vontade e de ter um grande perfil político articulador, unindo grupos de diferentes visões em prol de um mesmo ideal, tonar Pernambuco independente do Reino de Portugal.

Padre João Ribeiro foi um dos líderes da Revolução Pernambucana de 1817, também conhecida com a Revolução dos Padres. Além do episódio admirável, o feito inesperado é que o tracunhaense foi responsável pelo desenho da bandeira de Pernambuco.

A bandeira de Pernambuco foi desenhada em 1817, em decorrência da Revolução Pernambucana, pensada para a província durante o feito e após o feito como república, antes mesmo da independência brasileira. Entretanto, com a falha da resistência, a bandeira foi extinta e só veio a ser reintroduzida e adotada como a bandeira oficial do estado de Pernambuco em 1917.

O revolucionário que protagonizou a rebelião, João Ribeiro, nasceu em Tracunhaém, em 28 de fevereiro de 1766, vindo de família pobre. O frade e médico Dr. Manuel de Arruda Câmara, durante expedições no Nordeste morou na freguesia de Tracunhaém e foi vizinho dos pais de João Ribeiro, logo descobrindo sua vocação para o desenho, deste modo, resolveu ensinar ao jovem e, posteriormente, seguiram em expedições pelo Brasil.

João Ribeiro depois ingressou no convento em Recife, em busca de conhecimento, logo em seguida transferiu-se para o seminário de Olinda. Por conseguinte, viajou direto para Lisboa, onde recebeu todo o seu brio sacerdotal, fazendo parte de colégio dos nobres, por lá tomando gosto por ideias libertadoras, onde já se começava a planejar uma possível independência de Pernambuco. Após concluir, voltou ao seminário de Olinda e foi inclusive professor de Desenho.

Com a revolta dos pernambucanos com a corte portuguesa, no dia 6 de março de 1817, deu-se início à revolução, com várias outras figuras ilustres em participação do ato. Até que o estado alcança a independência da coroa portuguesa. Já no dia 8 de março é estabelecido o governo provisório em Pernambuco, momento em que o Padre João Ribeiro se tornou ministro dos negócios eclesiásticos por meio de votação, concernindo ao mesmo a prestigiosa incumbência de desenhar a Bandeira de Pernambuco.

A Bandeira inicialmente com simbologias separatistas, tinham significados diferentes da atual: as três estrelas representando as províncias de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte com a ideia de acrescentar mais estrelas de acordo com novas fusões; o arco-íris simbolizava o início de uma nova era; o sol o futuro; a cruz vermelha o primeiro nome do Brasil, Ilha de Vera Cruz. Atualmente possui uma única estrela representando Pernambuco como parte do país; e a cruz vermelha representa a fé na justiça e no entendimento.

Para abrilhantar ainda mais seus atos de coragem, há rumores de que a rejeição dos pernambucanos aos portugueses era tamanha, que as rezas de missas feitas pelo Padre João Ribeiro eram substituídos as hóstias de trigo por hóstias de mandioca e o vinho por cachaça pernambucana.

João Ribeiro manteve seu ânimo e esperança pela revolução até o fim, percebendo só após a retirada que o movimento havia sido derrotado e sua sentença de morte lhe aguardava. Então se adiantou aos portugueses e cometeu suicídio no dia 20 de maio de 1817. Dias depois, as tropas reais portuguesas o desenterrou, decapitou e expôs sua cabeça por dois longos anos. Até um grande entusiasta de seus ideais roubar e doar para parentes do João Ribeiro. Hoje se encontra sepultado na Igreja Matriz da cidade de Paulista, em uma urna de bronze.

Segundo Silva (2018, p. 111) os tracunhaenses que fizeram parte dessa marcante revolução foram o Padre João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro e o senhor de engenho João Nepomuceno Carneiro da Cunha, que lutou na revolução e está sepultado em seu antigo engenho Caraú.

Em consequência do desconhecimento da sua própria história, a cidade de Tracunhaém perdeu a oportunidade de guardar com honraria e descanso eterno seu filho João Ribeiro. Essa consequência veio por falta de políticas públicas a favor do turismo e cultura local. A única homenagem prestada por Tracunhaém ao seu célebre filho atualmente é o Pe. João Ribeiro como nome de rua no centro da cidade.

Outro cidadão ilustre foi Antônio Ferreira da Costa Azevedo, nascido em Tracunhaém no engenho Trapuá no ano de 1882, onde fica atualmente o cartão postal da cidade de Tracunhaém, a famosa Serra de Trapuá. Foi um visionário, dono de vários engenhos por todo o Nordeste e posteriormente sócio das que se transformaram em usinas, uma delas sendo considerada em 1929 a maior usina do Brasil, a Usina Catende, na cidade de Catende em Pernambuco

O próprio chegou a ser prefeito de Nazaré da Mata, cidade a qual na época Tracunhaém ainda fazia parte. O tracunhaense veio a óbito em 1950, em Recife, deixando vários filhos. Entre eles João da Costa Azevedo, que passou a ser proprietário da Usina Catende e dos engenhos Trapuá e Diamante em Tracunhaém. Em homenagem a Antônio Ferreira da Costa Azevedo, a cidade possui atualmente sua praça central recebendo o nome de Praça Costa Azevedo.

João da Costa Azevedo, filho de Antônio Ferreira, era grande amigo do poeta recifense João Cabral de Melo Neto, um dos maiores escritores brasileiros e autor da imortal obra *Morte e Vida Severina*. Em visita ao Engenho Trapuá, o escritor declarou seu desejo de ser enterrado ali, quando viesse a falecer, para descansar em serenidade no alto da tranquila Serra de Trapuá. João da Costa prontamente escreveu atendendo ao pedido oficialmente e João Cabral escreveu agradecendo em razão da sua paixão pela Zona da Mata de Pernambucana. Entretanto, o túmulo de João Cabral de Melo Neto se encontra no cemitério São Sebastião no Rio de Janeiro. Caberia aos familiares transferir o jazigo para onde o escritor sempre sonhou repousar.

As terras do Engenho Trapuá foram vendidas por João da Costa para o seu amigo Paulo Cavalcanti Petribú, hoje Grupo Petribú, o qual na época manteve o acordo por carta de atender o pedido do amigo João Cabral de Melo Neto, embora não tenha ocorrido. A serra hoje se encontra como local preservado pelo Grupo Petribú, bem como sua capela no pico da serra.

O artesanato

A Arte Popular, como termo para obras produzidas por pessoas que nunca se especializaram em arte, se dá em Tracunhaém de múltiplas circunstâncias dentro do âmbito cerâmico. A cidade consegue harmonizar a produção utilitária com a produção figurativa. A primeira consiste na manufatura de peças de uso cotidiano, infelizmente não tão trazidas para o campo de visão das políticas culturais, mas com seu devido valor.

A cidade possui grandes oleiros no segmento, como Mestre da Hora, Mestre Amaro, Ilton, Pelé, Petrônio, entre muitos outros. Essa segmentação não é abordada no projeto apenas em virtude de recorte de pesquisa. A segunda segmentação consiste na criação de obras esculturais e autorais decorativas que recorrentemente fazem alusão ao imaginário tradicional popular da região.

No dialeto popular da cidade, a título de esclarecimento, os termos utilizados sobre o assunto podem ser considerados trocados, o que talvez aparente ser um tanto quanto complexo ao leitor. O termo cerâmica, no que se diz respeito ao artesanato em cerâmica, é comumente chamado de peça de barro, assim como o termo barro é igualmente utilizado para a matéria-prima argila. Enquanto a palavra cerâmica é utilizada para designar o lugar que produz tijolos de barro. Já os lugares que produzem peças utilitárias são olarias, e lugares que produzem peças figurativas e decorativas são os ateliês. No texto não são utilizados os termos do dialeto popular da cidade, para melhor concepção do leitor.

Vê-se que o barro como matéria-prima utilizada na região possui diferentes tipos. Em Tracunhaém são utilizados três tipos: o barro vermelho, coletado no próprio município; o barro preto, também coletado na própria localidade; e o barro branco, que é trazido da Paraíba, em razão de que a região da Zona da Mata Norte de Pernambuco fica próximo ao estado vizinho. Além de outros materiais que auxiliam na produção e na finalização das peças e são comprados na própria cidade e ajudam a circular a economia local, como cola, tinta cerâmica, e outros.

Tracunhaém é considerado por muitos o maior e mais diversificado polo cerâmico do estado. Por consequência de técnicas adotadas, misturas de estilos, além do substancial repertório de identidades próprias de cada artista. Posto que Caruaru seja uma cidade mais afamada, atualmente grande parte dos artesãos da cidade são considerados entre eles mesmos como copistas, utilizando identidades de outros artesãos do local. Isto tendo em vista o cenário atual, sem entrar no mérito das histórias de Vitalino, Manuel Eudócio, Zé Caboclo, entre outros.

A cidade possui o Centro de Artesanato de Tracunhaém com várias salas destinadas à produção dos artesãos, fornos à lenha e elétrico, hall de exposição das peças e salão de atendimento aos visitantes. Espaço importante não só para a renda da cidade, mas para a preservação da cultura local, embora aparenta ser um pouco esquecido pelas administrações governamentais.

Principais atores

Terra de monocultura canavieira de engenhos seculares, silenciados por usinas industriais, ou até mesmo esses engenhos transformados em indústrias como alguns grupos societários também seculares. Atualmente boa parte das terras são ocupadas pela usina de cana-de-açúcar mais antiga ainda em operação do Brasil, o (Grupo Petribú) desde 1729. Usina essa de Lagoa de Itaenga, município vizinho, a cerca de 22 Km de distância de Tracunhaém.

O engenho se fez usina, a casa grande fechou, o usineiro mora na capital e o agricultor foi expulso do campo. Com isso muitos moradores precisaram descobrir novas fontes de renda para se manter na cidade. Foi então que surgiu o artesanato em cerâmica como alternativa para renda do povo, enquanto no campo imperava o plantio da cana, na cidade prevalecia a cultura do barro.

A princípio, desenvolveu-se com a manufatura de peças utilitárias, como jarras para armazenamento de água; alguidar para utilizar a água lavando pratos, preparando comidas, banhando crianças ou também utilizado para práticas religiosas de matrizes africanas como candomblé; panelas, potes, pratos, moringas, entre outras. As peças eram vendidas nas feiras locais, até que em seguida passaram a ser muito exportadas para a capital Recife, saindo caminhões lotados diariamente, não só para lá, como para outras cidades.

Não são encontrados muitos registros da cultura indígena da região e seus aproveitamentos utilitários e/ou decorativos do barro local antes das olarias do Período Colonial da Zona da Mata Pernambucana, mas é presumível a utilização do barro pelos nativos. De acordo com Bezerra:

O trabalho com o barro tem sido praticado na região de Tracunhaém desde tempos imemoriais, primeiro com povos nativos, que carregavam consigo potes de barro, depois com a olaria do Período Colonial, que implantou na cidade antigos modelos ibéricos de modelagem de potes e panelas com uso do torno de oleiro. (Bezerra, 2018 p. 25 *apud* Barléus, 1940. Sousa, 1879. Fausto, 2005).

Primeira Geração

De acordo com Coimbra (1980) a primeira geração de artesãos da arte figurativa da cidade se originou no início do século XX, muitos nascidos na década de 1910, quando alguns ainda crianças, na década de 1920, começaram a produzir bichinhos de barro como cavalos e bois para vender na feira junto aos pais, até tomarem gosto e iniciativa de criarem peças maiores.

A maioria desses artistas surgiu de algo em comum, foram filhos de artesãos da cerâmica utilitária, chamados jarreiros ou oleiros, que brincavam e praticavam as técnicas. Essa primeira geração é formada por Antônia Leão, Severina Batista e família Vieira (Lídia, Antônia, Regina e José Antônio Vieira). Assim sendo, a primeira geração foi em sua maioria representada por mulheres. Ainda na primeira geração ingressaram João Prudêncio, sobrinho da família Vieira e Severino de Tracunhaém, que ao se casar com Lídia passou a produzir também.

Antônia Leão

Antônia Bezerra Leão nasceu em Tracunhaém no ano de 1914, filha de pai e mãe oleiros, aos dez anos já tinha iniciado no barro fazendo galos, bois e figuras cotidianas. Se casou aos 15 anos e se mudou para a cidade de Goiana, onde lá conheceu um frade e começou a aprender e produzir artes sacras, como santos e frades. Após dezesseis anos voltou para Tracunhaém e deu continuidade ao seu trabalho. Ao que tudo indica, faleceu no ano de 1990.

Severina Batista

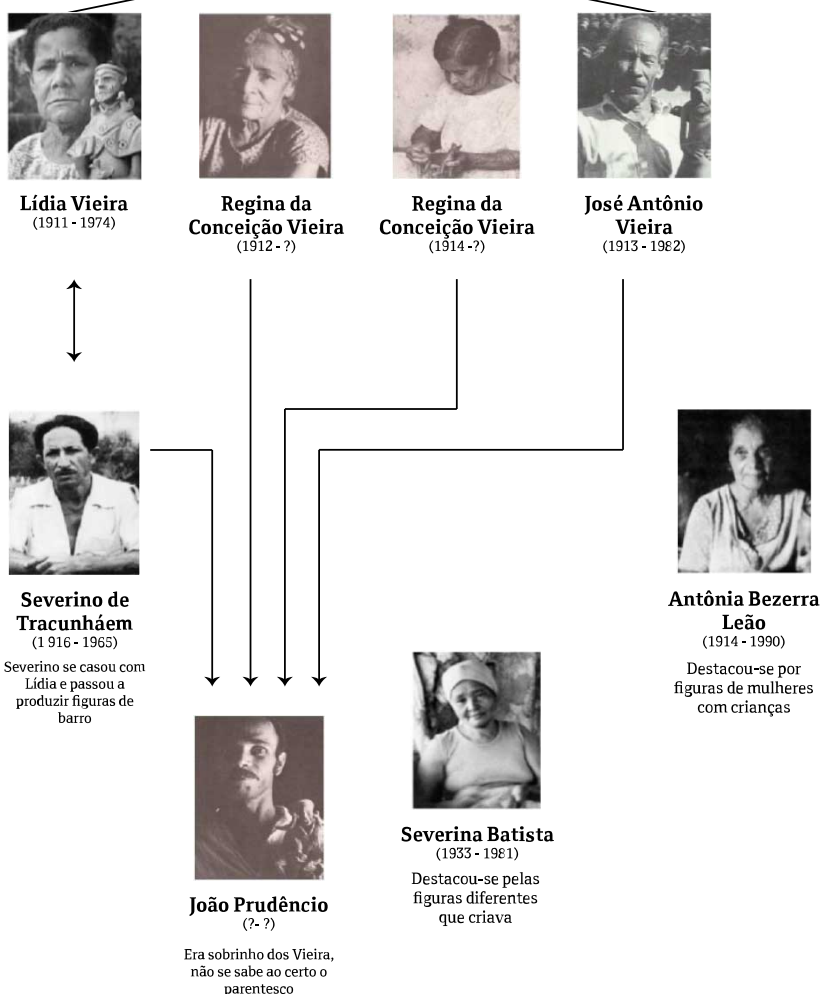
Severina Batista nasceu em 1933 e iniciou no barro já tarde em comparação aos outros, sua identidade nas peças era única. Embora criasse peças de arte sacra como os demais artesãos de sua época, ela os trazia com uma linguagem mais grotesca e experimental, refletindo a fascinação popular com o irracional, sem medo da excentricidade.

Família Vieira

A família Vieira é considerada os precursores dessa arte figurativa na cidade. Foi um grupo de irmãos, filhos de oleiros, todos nascidos e criados em Tracunhaém, que se uniram para viver do barro. Reconhecidos como a primeira família de artesãos figurativos, criaram um ambiente colaborativo de produção, onde todos se ajudavam coletando barro, preparando a massa, queimando as peças, etc.

Lídia Vieira, a primogênita, nasceu no ano de 1911. Desde sua infância também já produzia suas pecinhas para vender na feira, ela quem estimulava os irmãos a seguirem o caminho do barro. Com o tempo, Lídia passou a fazer figuras religiosas, desenvolvendo cada vez mais seu traço com detalhes em relevo, se consagrando como ceramista. Lídia não recebeu muitos méritos em vida, faleceu por enfermidade em 1974.

Irmãos Vieira



*Quadro 1: Artesãos da primeira geração da arte figurativa de Tracunháem.
Fonte: Bezerra 2018 apud Coimbra, 1980.*

Antônia da Conceição Vieira, ou Toinha, nasceu em 1912 e já na sua infância também começou a trabalhar com barro. Ela por sua vez, trabalhou mais na olaria. Passou boa parte da sua vida no trabalho de maior esforço físico, o que desencadeou problemas de saúde e a deixou impossibilitada de andar. Mesmo assim ela persistiu e continuou a trabalhar com o barro fazendo trabalhos de menos esforço físico, como obras sacras.

José Antônio Vieira, nascido em 1913, trabalhou boa parte também com o serviço mais pesado, amassando barro, cortando lenha, etc. O mesmo uniu o artesanato utilitário ao figurativo, produzindo suas jarras e moringas com adornos, deixando-as únicas.

Regina da Conceição Vieira nasceu em 1914, e assim como todos da família, começou a trabalhar com o barro ainda criança. Produzia peças de santos e animais e figuras do cotidiano, assim como Lídia, a qual tinha bastante admiração. Entretanto as suas eram menores e de acabamento mais simples.

Segunda Geração

A segunda geração dos personagens icônicos do que se tornou a Arte Popular de Tracunhaém surgiram nas décadas de 1970 e 1980, composto por Maria Amélia de Tracunhaém, Mestre Zezinho e Mestre Nuca. Os três conseguindo a honraria de obter o título de Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco, Mestre Nuca foi o primeiro artesão de Tracunhaém a conseguir o feito, no ano de 2005. Atualmente apenas Maria Amélia está viva e com idade avançada, Nuca veio a falecer em 27 de fevereiro de 2014 e Zezinho em 04 de setembro de 2019. Os três tiveram filhos que dão continuidade ao trabalho.

Maria Amélia

Maria Amélia nasceu no ano de 1925 e é a artesã com mais tempo em atividade do estado. Assim como a maioria, ela também começou a mexer com o barro ainda na infância. Filha do oleiro Mestre Dunde, a artesã quando criança costumava admirar seu pai manuseando o torno, o qual lhe dava pedaços de barro para modelar, começando com bichinhos como cavalinhos bois entre outros. Posteriormente conheceu o trabalho das irmãs vieiras, mais antigas no meio, fazendo com que se interessasse mais, partindo em diante para peças de arte sacra, onde se consagrou. Ganhou o título de Patrimônio Vivo no ano de 2011, hoje seu filho Ricardo dá continuidade ao seu trabalho.

Zezinho

José Joaquim da Silva, ou Zezinho de Tracunhaém, nasceu em Vitória de Santo Antão também interior de Pernambuco, no ano de 1939. Mudou-se para Tracunhaém ao se casar com Maria Marques Silva, onde iniciou seu interesse pelo barro juntamente com sua esposa, produzindo figuras religiosas. Adiante, se tornou um dos maiores ceramistas de Tracunhaém e de Pernambuco. Suas peças apresentam riquezas em detalhes e acabamentos. O artista realizou dezenas de exposições por todo o Brasil e suas obras viajam todo o mundo. Hoje os filhos e netos dão continuidade ao seu trabalho de forma magistral, com bastante atenção aos detalhes das peças.

Mestre Nuca

Manuel Borges da Silva, o Mestre Nuca, nasceu em 1937 no Engenho Pedra Furada. Aos três anos de idade mudou-se com os seus pais para a vila de Tracunhaém, período em que a cidade ainda era distrito de Nazaré. Na região durante sua infância, assim como os demais, começa a admirar o trabalho dos ceramistas e dá início às suas primeiras criações para vender na feira. Por volta de 1968 o artista cria seu primeiro leão, a partir daí se dá a evolução de sua peça, com Nuca em conjunto de sua esposa Maria criando as diferentes júbas de características únicas.

Por conseguinte, os famosos Leões de Nuca se tornaram símbolos da Arte Popular Pernambucana. Ganhou o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco no ano de 2005. Além de no ano seguinte após sua morte, em 2014, se tornou tema principal da Feira Internacional de Artesanato de Pernambuco (Fenearte), considerada a maior feira de artesanato da América Latina, em sua 17ª edição (XVI Fenearte - O legado de Mestre Nuca). Mestre Nuca é considerado por alguns como o nome principal do artesanato de Tracunhaém. Seus filhos e netos, também como os do Mestre Zezinho, dão continuidade ao seu trabalho genioso.

Gerações posteriores

Nos dias de hoje ainda atua a terceira geração de artesãos, valendo salientar que essas referentes ao contexto figurativo, a qual pode-se julgar por muitos a maior em número de artesãos, e por outros inversamente proporcional, a de época mais difícil no que diz respeito a viver da arte. Apesar de muitos deles serem renomados. Juntamente a essa, se encontra em período extenso de transição a embrionária quarta geração. Lista bastante extensa para ser tratada detalhadamente em uma dissertação de graduação. Por essa razão, são citados apenas alguns dos artesãos para recorte de pesquisa, sem fazer desmerecimento ou juízo de valor.

Fazem parte da geração atual de artesãos Zuza, sobrinho de Severina Batista; os filhos do Mestre Zezinho, Dinho de Zezinho, Nando de Zezinho, Carlos de Zezinho; os filhos do Mestre Nuca, Marcos, Guilherme e Marcelo; os irmãos Joaquim, Totinha e Zé; Ivo Diodato; o neto de Severina Batista fazendo parte da mais nova geração, Edson Batista; entre muitos outros que também mereciam estar citados, mas não por desmerecimento e sim por recorte de pesquisa, infelizmente ficaram de fora. Fica ao leitor e aos novos pesquisadores a missão de enxergar outros nomes entre a rica lista de artesãos de Tracunhaém.

Manifestações culturais

Além da forte notoriedade turística da cidade em decorrência do artesanato em cerâmica, outras expressões culturais são bem nítidas e de relevância significativa, como o Maracatu Rural ou Maracatu de Baque Solto. Diferente do Maracatu Nação ou de Baque Virado, o maracatu rural é típico na zona da mata pernambucana, mais especificamente tendo seu berço em Nazaré da Mata com grupos até centenários. Cidade, como já citado anteriormente, a qual Tracunhaém fez parte. O ritmo criado pelos agricultores, em sua maioria canavieiros, homenageia a peleja dos trabalhadores rurais.

Esta manifestação cultural possui uma identidade única e de forte personalidade, assim como o ritmado específico do maracatu rural, usando instrumentos denominados como bombo, taró, porca, gonguê, além do mestre com um apito. Alguns personagens do maracatu rural são os caboclos de lança, arreiamá, catitas, burrinhas, bandeirista, mateus, catirina, rei, rainha, sombrinha, dama de passo, índias, entre muitos outros. Aqueles que participam como alguns desses personagens, chamam-se brincantes.

Diante dessa expressão, havia alguns casos onde caboclos de lança de diferentes nações se cruzavam e por processo do ritual, cada um defendia a bandeira de sua nação. O principal palco dessas batalhas foi o Cruzeiro das Bringas, cemitério com capela em território remoto cercado pelo canavial no Engenho Bringas, zona rural de Tracunhaém.

O local isolado é um marco de divisão territorial entre engenhos. Conta-se de boca em boca que o cemitério surgiu com os cruzamentos de bandeiras de caboclos de lança, desencadeando suas brigas e recorrentes mortes. De fato, o cruzeiro é reconhecido por suas batalhas e muitos desses confrontos foram marcados por sangues e mortes. “O Cruzeiro das Bringas é sem dúvidas um patrimônio histórico, arquitetônico e religioso de Tracunhaém, onde o profano e o sacro se difundem em pura cultura e tradição regional”. (SILVA, 2018, p. 359)

Em Tracunhaém existem vários grupos de maracatu rural reconhecidos, como o Maracatu Estrela De Tracunhaém, Maracatu Rural Águia Formosa, Leão Formoso Maracatu, Pavão Dourado de Tracunhaém, Maracatu Leão Misterioso de Tracunhaém, e Estrela Da Serra.

Outras manifestações culturais complementares ao maracatu também existem e resistem na cidade, como o caboclinho, grupos de dança folclórica por brincantes vestidos de índio com cenas que remetem ao combate e caça. O cavalo marinho, original da Zona da Mata Norte de Pernambuco, criado entre as pausas do trabalho no canavial é uma brincadeira com poesias, músicas, danças, coreografias, e também com inúmeros personagens.

A Ciranda, dança cultural de melodia cadenciada e repetitiva, com letras representando o cotidiano. E o Coco de Roda, dança originária dos engenhos de cana-de-açúcar da antiga Capitania de Pernambuco no período colonial, com influências africanas e indígenas.

Uma cidade com toda riqueza cultural da Zona da Mata Pernambucana presente em sua narrativa. Para aqueles que não conhecem a história da cidade, pode-se levar em consideração como um primeiro contato adequado o Hino de Tracunhaém, uma vez que a letra consegue resgatar e apresentar fatos acerca da sua trajetória.

Considerações finais

Esta pesquisa considera que o levantamento histórico realizado contribui para manutenção da história e da memória urbana da cidade de Tracunhaém. Sendo de fundamental relevância o levantamento de tal material para embasar e referenciar projetos de design, e outros, que tenham suas temáticas voltadas para Tracunhaém, Pernambuco.

Tendo atendido ao objetivo principal, apresentado na introdução deste artigo, apresentou uma compilação do levantamento histórico, realizado para o projeto de Silva (2021), como referência para futuros projetos de valorização cultural e da memória urbana desta cidade. Bem como para demais desdobramentos possíveis, como complementação deste levantamento com novos registros e validação histórica de projetos já realizados.

Quanto à metodologia, a abordagem qualitativa utilizada atendeu à necessidade de observação dos aspectos subjetivos de fenômenos sociais. No que diz respeito à delimitação, os temas centrais da pesquisa (a cidade, o artesanato, principais atores e manifestações culturais), foram úteis para a estrutura deste levantamento. Com relação aos procedimentos técnicos, o levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e técnica de pesquisa de observação participante, atenderam a expectativa dos pesquisadores, apresentando o contexto da pesquisa de maneira integrada à realidade.

Como limitações, a pesquisa se deparou com a escassez de bibliografia aprofundada e específica nos detalhes da cidade. Por esse motivo, fora de grande utilidade os instrumentos utilizados, tais como os registros fotográficos próprios, os arquivos de Coimbra (1980) e as imagens de acervos digitais. Por fim, entende-se que este levantamento pode ser ampliado em pesquisas futuras, a fim de ampliar o olhar para a memória, a cultura, a história e a identidade.

Referências

BEZERRA, Vanessa Lopo. **Tracunhaém, uma panela de formigas: a modelagem de santos e painéis de barro na zona da mata pernambucana**. 2018, 235f. Dissertação (Mestrado em Artes), Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2018.

COIMBRA, S. R.; MARTINS, F.; DUARTE, M. L. **O reinado da lua: escultores populares do nordeste**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1980.

IBGE, **Panorama Tracunhaém**. 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/tracunhaem/panorama>. Acessado em: 31 ago. 2021.

LAKATOS, E. Maria; MARCONI, M. de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica: Técnicas de pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SILVA, Tony Danillo P. D. **Tracunhaém: uma freguesia pernambucana**. João Pessoa: Editora CCTA, 2018.

Sobre os autores

Camila Brito de Vasconcelos é designer pela UFPE (2009, doutora em Design UFPE (2018), mestre em design UFPE (2014). Atualmente é professora adjunta no curso de graduação em Design da UFPE, no Campus do Agreste-CA. Atua como líder dos grupos de pesquisa Memoráveis: manifestações gráficas afetivas, Design para a multiplicidade (Design+), é membro pesquisadora do grupo Nutrientes criativos: design para a sustentabilidade e egressa do Memória gráfica brasileira. Coordena projeto nas linhas de pesquisa Gráfica urbana e memória afetiva e Design da informação em saúde e educação. Ministra disciplinas de Sistemas de representação tridimensional, Identidade visual para meios impressos, Metodologia Visual e Projeto de graduação em design.

E-mail: camila.bvasconcelos@ufpe.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9158673599744458>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6862-0271>

Ruy Raphael Batista da Silva é bacharel em Design pela Universidade Federal de Pernambuco, Possui ensino-médio-segundo-grau pela Escola Técnica Estadual Maria Eduarda Ramos de Barros.

E-mail: ruy.raaphael@ufpe.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9211275718873193>

Recebido em: 10 de março de 2022

Aprovado em: 30 de março de 2022

Publicado em: 30 de junho de 2022